

ISSONÂNCIA

JULHO DE 2026 - EDIÇÃO Nº 11

VAL PORTO

A Poetisa Underground:
ela saiu do coma ao som
de Beethoven

LEIA TAMBÉM

RAIO-X DO ÁLBUM *Inteligência Armorial de Sandrera*
Cliva puxa o cabo da tomada em "Virtual Kadaver"
Carine Nunes e o disco que nasceu de uma foto numa trilha
Releases e Análises de lançamentos em todo o Brasil



EDITORIAL – 11ª EDIÇÃO

Salve, Folks!

Muito já fizemos, e muito resta a fazer.

A arte independente no Brasil cresce em números expressivos. Todo dia aparece uma mente nova produzindo música, pintando, dançando, atuando, escrevendo. Em todas as vertentes da arte tem algo nascendo agora, enquanto você lê este parágrafo (*provavelmente em algum quarto transformado em estúdio, com um cabo de guitarra remendado com fita isolante*). A Dissonância existe para aumentar o volume dessas vozes e fazer o mundo ouvir essas ideias, essas revoluções individuais.

Chegamos até aqui sabendo para onde queremos ir. Onze edições pode parecer pouco diante do oceano de mídia no Brasil e no mundo, mas temos algo que nos diferencia: somos de verdade. Enquanto milhares de perfis nascem diariamente nas redes sociais copiando e colando textos de prateleira fabricados por IA, aqui temos colunistas, biógrafos, poetas, contadores de histórias e de estórias, diagramadores, editores. Temos diálogo, temos identidade, temos gente que discute vírgula em grupo de mensagem às onze da noite. Isso vale mais que qualquer métrica de alcance, e olha que a gente confere as métricas (*somos de verdade, mas não somos de ferro*).

Esta é a décima primeira edição. Daqui a cem anos, ela será lembrada, e devidamente comemorada, como um dos pilares que sustentaram a mídia independente de verdade neste país. Anote aí, historiador do futuro. A gente facilitou seu trabalho deixando tudo documentado.

Quer saber onde vamos chegar? Siga nossas redes, acesse o site, leia nossas matérias. Cada palavra publicada é um tijolinho dessa caminhada, na qual seguimos engajados e, acredite, ainda estamos só no começo.

Parabéns à Equipe Dissonância. Parabéns aos artistas independentes desta edição. Vocês são diferentes. Vocês são Dissonantes.

Boa leitura.

Tião Folk
Editor – Revista Dissonância

Entre em contato conosco e
descubra como fazer parte do
ecossistema Dissonância

contato@dissonancia.com

DISSONANCIA.COM

 (21) 96736-6260

 @dissonanciabr

 @dissonanciabr

CONTATO / IMPRENSA

Para dúvidas e sugestões de pautas,
entrar em contato com o Editor
Responsável da Dissonância.

TIÃO FOLK

Email: tiaofolk@dissonancia.com

Tel / Whatsapp: (41)98783-9137

Instagram: @tiaofolk

www.tiaofolk.com

Músico, cineasta e jornalista cultural independente. Fundador e editor responsável pelo portal Dissonância, dedica sua atuação ao mapeamento da cena artística independente brasileira. Assina a coluna de perfis biográficos da revista com ênfase em música regional e folk urbano; produz curtas-metragens autorais e clipes. É também apresentador do programa Tião Folk, veiculado em rádios web do Brasil.

ENVIO DE MATERIAL:
contato@dissonancia.com
(21) 96736-6260

Divulgue na Dissonância

 **REVISTA**
DISSONÂNCIA

**SUA MARCA
CHEGANDO
A MILHARES
DE LEITORES
NO BRASIL E
NO MUNDO**

ÍNDICE

- 05 - Val Porto, A poetisa underground: ela saiu do coma ao som de Bethoveen
- 09 - Val Porto em Dissonância: entrevista exclusiva
- 11 - Releases: Abbusai, Tião Folk, Zelena, Hotel Cubano
- 13 - Saudade, um poema de Anderson Schiavi
- 14 - Carine Nunes e o disco que nasceu de uma foto numa trilha
- 19 - Página bio-discográfica: Carine Nunes
- 20 - Releases: Luca Frazão, Luminares, Nenoka, Fraaan
- 21 - O Viajante, um poema de Val Porto
- 22 - Raio-X do Álbum "Inteligência Armorial" de Sandrera
- 25 - Página bio-discográfica: Sandrera
- 26 - Releases: Nãos, Anna Lunardi, Corra, Lua Alvez
- 27 - Cliva puxa o cabo da tomada em "Virtual Kadaver"
- 31 - Página bio-discográfica: Cliva
- 32 - Releases: Monara, Madhu, Franscisco Neto, Herbert Jordan
- 33 - Persiste um Aroma, um conto de Hélio Silva
- 34 - Artistas Independentes Destacados na Revista Dissonância



Val Porto

A poetisa underground: ela saiu do coma ao som de Bethoveen

Por Tião Folk

Vou começar declarando meu conflito de interesses, porque jornalismo sério é assim (e aqui na Dissonância levamos a seriedade a sério). A Val Porto é minha amiga pessoal. Fui eu que convidei ela para escrever na revista, sou eu que estou gravando uma música em cima de um poema dela e sou eu que já levei bronca dela mais de uma vez (mas foi por uma boa causa, é claro). Dito isso, sigo com a matéria de capa mais suspeita e mais justa que esta revista já publicou.

A Val, ou Valtéria Porto de Paula, para quem prefere o nome de batismo, tem 72 anos, mora em Novo Hamburgo (RS) e escreve poemas. Cinco deles já viraram música na mão de artistas independentes, alguns passaram pela nossa sessão de Release, e outros estão na fila de musicalização enquanto você lê isso. Ela também é colunista desta revista, onde publicou textos como "Noite Sem Estrelas", "Onde o Tempo Não Alcança" e "Enquanto Você Olhava Longe". Números respeitáveis para qualquer artista, de fato. Mas para alguém que começou a publicar depois dos 70, é aquele tipo de estatística que

bota muito marmanjo no chinelo e faz o camarada repensar as desculpas que conta para si mesmo no escurinho do quarto vendo stories no celular.

O radinho de pilha tinha hora marcada

Gosto de começar pelo lugar mais lógico, o começo. A relação da Val com a música começou no interior gaúcho, num cenário que hoje pareceria minimalismo proposital, nos meus tempos de adolescência, eu chamaria de bucólico: um radinho de pilha e horário certo para ligar. **"Lá fora, morei no interior, era só radinho de pilha mesmo, mas tínhamos horário para ouvir"**, ela me contou em entrevista exclusiva para a Dissonância.

A trilha sonora da casa era a música gaúcha de raiz, Teixeira, Gil de Freitas, César Passarinho, aquele repertório que o pai dela ouvia diariamente, quase num ritual. E foi dele que veio a lição que explica muita coisa sobre a Val de hoje:

"música tu tem que sentar para ouvir, não posso só escutar"

Guardem essa frase. A Val aprendeu desde cedo que ouvir é um verbo que exige cadeira. É esse ouvido treinado, sentado e atento que hoje analisa o trabalho de meio underground brasileiro. Volto nisso já já.

Quando a música chegou antes da consciência

Tem um capítulo na história da Val que dá arrepio de contar; ela já me contou algumas vezes e a cada nova contada é mais agonizante. Em 1992, ela passou mais de trinta dias em coma (eu sou hospitalfóbico, falou em hospital já me arrepiava a espinhela). Durante todo esse tempo, a família manteve um fone de ouvido nela com uma fita de música clássica tocando sem parar,

porque sentiam que ela reagia ao som. E foi assim, com Beethoven no ouvido, que ela acordou, voltou ao mundo e nasceu de novo. Dessa vez uma nova Val.



Fico pensando na lição do pai (a de que música se ouve sentada, com atenção) e no que aconteceu naquele quarto de hospital. A Val não estava sentada. A Val não estava consciente. E mesmo assim a música chegou, encontrou alguma coisa acordada ali dentro e puxou pela mão. Se você acha que estou dramatizando, converse com quem já passou por uma UTI. A ciência ainda discute o quanto o cérebro em coma processa som. A família da Val não ficou lá esperando o veredito da ciência sobre a música: colocaram o fone e apostaram na melhora. Deu certo. Trinta anos depois, a mesma pessoa que voltou ao som de uma orquestra passa as noites transformando sentimento em verso. Faça as contas de causa e efeito que quiser, eu prefiro só registrar que a música chegou primeiro e salvou nossa querida de ir até a luz.



1968, 14 anos

A curva da estrada

Toda história de renascimento tem um capítulo ruim antes, e a Val não esconde o dela. **"Foi uns dois anos e pouco atrás, quando eu tive uma decepção que me machucou muito e eu parei para repensar no caminho que eu estava trilhando e resolvi mudar a direção do olhar"**, ela conta. A mudança de direção trouxe amigos novos, quase todos músicos, e veio junto aquele tantinho de coragem para mostrar o que ela escrevia, mas já foi o suficiente.

"Foi uma mudança que me fez muito bem, me fez renascer, me fez ficar mais forte"

A rotina dela hoje é de uma organização que me deixa até envergonhado da minha desorganização (e olha que sou bem chato e metódico, mais chato que metódico, pra falar a verdade): trabalha, cuida da casa, cuida do marido, ouve muita música, lê bastante. E à noite, escreve. Sem programação, sem meta de

produtividade, sem planilha. **"Eu escrevo exatamente o que eu tô sentindo, nada eu programo. É a mesma Val"**, ela garante, quando pergunto se existe uma Val poetisa diferente da Val do dia a dia. A resposta encerra qualquer teoria sobre persona artística que eu pudesse inventar para deixar a matéria mais cabeluda. É a mesma pessoa. O que vai para o papel é o sentimento do dia, sem fantasia.

Curioso é que, durante muito tempo, ela nem imaginava que aquilo pudesse virar canção. **"Quando eu tô escrevendo, eu nunca pensava que podiam virar uma música. Até o dia que um músico, que tu sabe quem é (risos), leu e falou que dava para fazer."** Confirmo o boato: o músico era eu; e confesso que enchi o saco da Val para que ela escrevesse mais, eu estava enxergando uma coisa ali, uma espécie de poesia que tem sido deixada de lado nos tempos atuais, uma poesia crua, sem os floreios das "correções ortográficas" feitas com ajuda de IA (*pois é artista independente, eu vejo você e sei o que você faz quando está frente a frente com o chatGPT*).



Poemas publicados na Dissonância

"Hoje, quando eu escrevo, sempre imagino que ela possa virar uma música, e isso é muito bom"

Um desses poemas é o "Encontro de Almas", publicado lá na primeira edição da Dissonância, que estou gravando em releitura neste momento. Se ficar ruim, a culpa é minha. O poema já provou que é lindo, completo e não precisa de mais nada.



1968, 14 anos

Esse papel já rendeu até televisão. Em novembro de 2023, ela foi a convidada do programa Essência e Prosperidade, da TV Líder do Vale, numa conversa que levava no título as duas palavras que resumem a personagem: persistência e constância. Você consegue assistir a entrevista completa no YouTube e quem assistiu viu o mesmo recado que ela repete aqui, sem variação de discurso entre a câmera e a mesa da cozinha (*ou a máquina de costura, pois é, ela ainda costura e já fez até roupas para alguns artistas*). Coerência, aliás, é outro item raro no mercado que a Val distribui de graça.



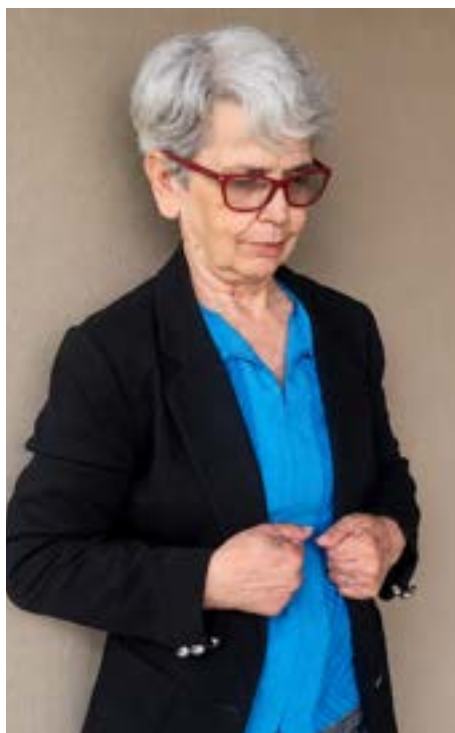
TV Líder do Vale

A mãe do underground

Aqui entra a parte que ninguém combinou, mas que todo mundo do cenário independente já sabe: se você ainda não recebeu uma bronca da Val Porto, sua carreira está incompleta. Ela ouve os lançamentos com muita atenção, aquela mesma atenção que tem quando senta para ouvir (*a lição do pai, lembra?*), e devolve o que pensa. Com carinho, com



franqueza e com uma pontaria que muita consultoria paga não entrega. Virou uma espécie de mãezona de músicos de estilos, setores e opiniões que raramente concordam entre si sobre qualquer coisa. Sobre a Val, todos eles concordam. O respeito que ela circula por esse território ela conquistou do jeito mais difícil: virando artista também, uma artista das palavras.



A estrada não acabou

Num dos poemas dela publicados aqui na revista, "Até o Final da Estrada", tem um verso que diz que **"sonhos não morrem, apenas esperam"**. Vindo de qualquer um, seria a típica frase de caneca. Vindo de quem esperou sete décadas para descobrir a própria voz, é relatório de vida, é história narrada e vivida ao mesmo tempo, não é para qualquer um.

Quando pergunto que recado ela deixa para os artistas independentes que estão começando, se o sonho tem data de validade, a resposta vem redondinha:

"Nunca desistam dos seus sonhos. Eu tô realizando um sonho que nunca foi sonhado. E o sonho não tem prazo de validade. Quem não começou ainda, tem que tentar, tem que tentar e conseguir."

Um sonho que nunca foi sonhado. Ela disse isso olhando por cima do tempo, e eu fiquei uns dois dias mastigando a frase, procurando um jeito de trazer para o papel a naturalidade de uma pessoa que faz coisas extraordinárias, que supera, que erra, que vai e volta e depois vai de novo. Perceba que a nossa Val não passou a vida esperando a chance de escrever. Ela descobriu aos 70 e poucos que existia uma porta, abriu, e agora recebe as visitas como se a casa sempre tivesse sido dela, e isso é maravilhoso.

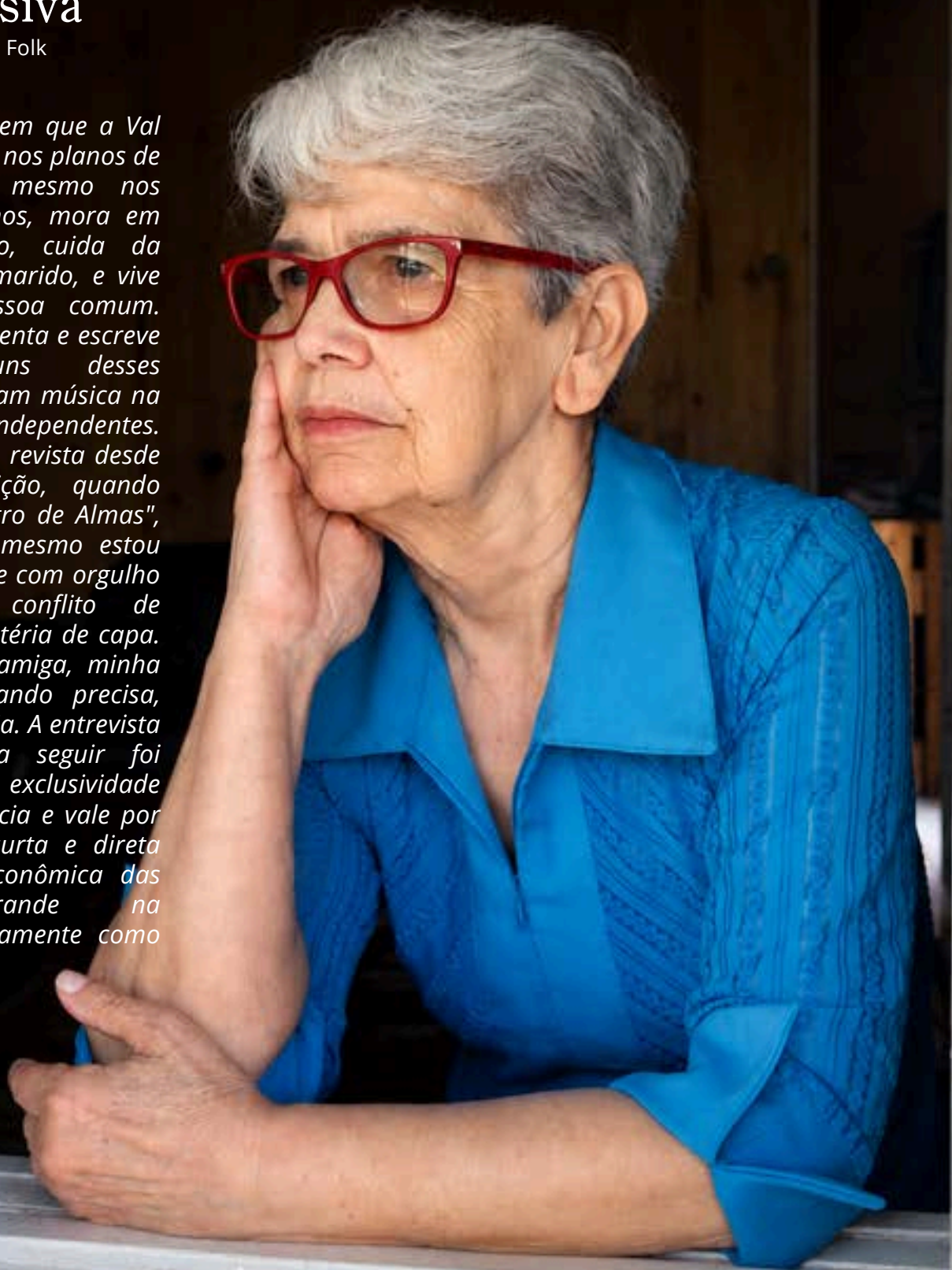


Por isso ela está na capa da 11ª edição. Porque a Dissonância existe para artistas assim, e porque, na dúvida sobre o que fazer da sua carreira, da sua arte ou da sua segunda-feira, o conselho editorial desta revista recomenda: pergunte à Val. Mas sente antes. Bronca boa também se ouve sentado.

Val Porto em Dissonância: entrevista exclusiva

Por Tião Folk

Teve um tempo em que a Val Porto não estava nos planos de ninguém, nem mesmo nos dela. Aos 72 anos, mora em Novo Hamburgo, cuida da casa, cuida do marido, e vive como uma pessoa comum. Mas à noite ela senta e escreve poemas. Alguns desses inclusive já viraram música na mão de artistas independentes. É colunista desta revista desde a primeira edição, quando publicou "Encontro de Almas", poema que eu mesmo estou gravando agora e com orgulho declaro meu conflito de interesses na matéria de capa. A Val é minha amiga, minha colunista e, quando precisa, minha consciência. A entrevista que você lê a seguir foi gravada com exclusividade para a Dissonância e vale por cada resposta curta e direta que ela deu, econômica das palavras, grande na mensagem, exatamente como ela escreve.



Dissonância: Fale sobre sua infância, com foi seu primeiro contato com a música?

Val Porto: Sempre ouvíamos muito rádio. Lá fora, morei no interior, era só radinho de pilha mesmo, mas tínhamos horário para ouvir. E o pai sempre ouvia muita música gaúcha, que era meio do mato. Imagina que era só isso, né? Então a minha referência musical naquela época era os música antigos, Teixeira, Gil de Freitas, César Passarinho e alguns outros. Tive uma infância muito simples, muito humilde, morando no meio do mato, como eu tô hoje, mas foi uma infância boa, bem tranquila, feliz na medida do possível. E foi isso aí. Foi tudo bem simples, bem tranquilo, com muito amor de família. E uma coisa que o pai sempre ensinava é que música tu tem que sentar para ouvir, não posso só escutar. Foi assim que eu aprendi a gostar de música.

Dissonância: Hoje, nos altos dos teus 72 anos, você vivenciou mudanças relevantes no mundo e na sociedade, qual mudança te chamou mais atenção?

Val Porto: A mudança mais forte, mais importante na minha vida. Acho que foi uns dois, dois anos e pouco atrás, quando eu tive uma decepção, que me machucou muito e eu parei para repensar no caminho que eu estava trilhando e resolvi mudar a direção do olhar. Foi quando eu encontrei vários amigos novos, vários músicos, que eu acabei mostrando tudo que eu escrevia e foi uma mudança que me fez muito bem, me fez renascer, me fez ficar mais forte. Hoje eu vejo o mundo e a vida de outra maneira, de uma maneira bem mais saudável.

Dissonância: O que a Val Porto poetisa faz de diferente da Val do dia a dia?

Val Porto: É mesmo com essa idade, com tudo que eu já vivi, eu tenho uma rotina bem distribuída. Trabalho bastante, cuido da casa, cuido do marido, ouço muita música, leio bastante e de noite eu sempre paro para escrever alguma coisa que seja um sentimento meu, algo não programado, algo que vem na hora para mim.

Dissonância: Quando você escreve, você se sente uma outra Val, ou os versos no papel refletem exatamente a mesma pessoa?

Val Porto: Ah, quando eu escrevo, eu escrevo exatamente o que eu tô sentindo, que nada eu programo. Então, é a mesma Val. Aquilo é o sentimento do dia a dia. Exatamente o que eu penso e ali eu só passo alguma coisa que eu tô sentindo, alguma coisa nova, um sentimento, uma palavra que vem no dia a dia.

Dissonância: Você já compôs para diversos artistas independentes e continua escrevendo poemas que virarão músicas em algum momento, quando você escreve, você já pensa em como aquelas palavras seriam virando uma música?

Val Porto: Hoje em dia, eu até penso. Mas quando eu comecei a escrever, eu escrevo há muito tempo. Mas de dois anos para cá, dois ou três anos para cá, eu comecei a escrever com mais frequência. E quando eu tô escrevendo, eu nunca pensava ah que podiam virar uma música. Até o dia que um músico, que tu sabe quem é (risos), leu e falou que dava para fazer. Aí eu comecei a escrever tendo esse sentimento. Hoje, quando eu escrevo, sempre imagino que ela possa virar uma música, e isso é muito bom.

Dissonância: Você é colunista da Revista Dissonância e escreve poemas que chegam a milhares de leitores no Brasil, como é fazer parte de um projeto tão diferente?

Val Porto: É um projeto muito bonito. E fazer parte desse projeto, dessa revista, foi uma honra muito grande para mim. Quando eu recebi o convite, eu não me imaginava. E hoje eu gosto muito de fazer parte dele. É uma sensação muito gostosa e muito importante para mim.

Dissonância: Você começou a escrever para a Dissonância aos 72 anos, que recado você deixa para os artistas independentes que estão começando hoje? O sonho tem data de validade?

Val Porto: O recado que eu posso deixar para os artistas independentes é que nunca desistam dos seus sonhos. E eu tô realizando um sonho que nunca foi sonhado. Então, é algo assim que eu não tenho palavras para descrever. É muito importante, é muito gostoso realizar um sonho, mesmo que seja um sonho que foi, que nunca foi sonhado. Como eu sempre digo, eu participo de tudo isso com muito orgulho. E o sonho não tem prazo de validade. Quem não começou ainda, tem que tentar, tem que tentar e conseguir.

OUÇA A ENTREVISTA COMPLETA NO PORTAL DISSONÂNCIA



CLIQUE AQUI

Divulgue aqui

**REVISTA
DISSONÂNCIA**

**SUA MARCA
CHEGANDO
A MILHARES
DE LEITORES
NO BRASIL E
NO MUNDO**



Abbusai - Urubu Treteiro

"Urubu Treteiro", lançada em 25 de março de 2026, é o primeiro single da Abbusai. A letra, composta por Claudia Usai, acompanha um urubu oportunista. O falso amigo canta de galo, promete ajuda e, quando recebe a mão, quer o braço. Devora forças, arranca pedaço, joga os outros contra a vítima. O humor ácido corre no mesmo verso que a crítica.

A Abbusai reúne as irmãs Claudia e Paula Usai, netas do maestro Remo Usai, e os cunhados Romulo Monnerat e Iago de Almeida.

A música me levou de volta aos anos 70, se tivesse sido lançada naquela época, hoje com certeza estaria no hall das músicas mais adoradas pelo público. Voz suave entrando afiada (e afinada) nas entranhas do instrumental e trazendo aquele molho que todo setentista adora.

No Instagram são animadíssimos e os vídeos das irmãs Claudia e Paula são sempre com humor e leveza, e essa característica foi levada para a faixa. A banda só está começando, ainda vamos ouvir muito falar deles por aqui.



Por Jorge Murilo



Tião Folk - Mentis Aflitas

Tião Folk lançou "Mentis Aflitas" em 20 de junho, terceira faixa que analiso por aqui. A letra acompanha três personagens que nunca se encontram, Sophia, Luís e um homem sozinho numa igreja, presos pela depressão.

Gosto das imagens detalhadas. As cartas que Sophia nunca enviou, o chão molhado que logo vai sujar de novo, as mãos suadas repousando no banco frio. São detalhes concretos que nos prendem ao longo da narrativa.

O refrão sustenta o peso: o coração se dilata pra caber toda dor, os segundos se arrastam em ponteiros lentos. Lendo a letra, ele volta três vezes ao mesmo ponto, e a repetição é efeito de martelo que faz ouvinte refletir sobre o tema.

Um tema pesado, mas tratado em tom narrativo, típico do estilo de Tião Folk. A letra é cheia de imagens que levam o ouvinte a entrar no universo dos personagens e, praticamente, sentir sua dor, ou pelo menos ter empatia por eles.

É uma faixa madura e já nos dá uma boa ideia do que ainda vem por aí. A faixa tem avançado nas plataformas de streaming e sendo bem recebida pelo público.



Zelena - O Livro dos Mortos

Para quem curte Trash Metal com direito a duelo de guitarras e gutural feminino com volume no talo, eu apresento a Banda Zelena. Lançando seu EP 'O Livro dos Mortos', senti até um arrepio no espinhaço agora.

Na formação, Samantha Soares (guitarra), Aline Costa (baixo), Jéssica da Mata (vocal) e Ronnie Stuart (bateria). A banda é formada por mulheres (*lindas por sinal*) e um bendito é o fruto na bateria (*pra enfeiar o palco*), mas o cara manda muito bem, sejamos sinceros.

O destaque do EP é a música que dá nome a ele. A faixa Livro dos Mortos, começa com uma guitarra que chama os quatro cavaleiros do apocalipse, depois o gutural da Jéssica da Mata chega Matando (*forcei um trocadilho aqui, né? Mas tá valendo*).

Formada no fim de 2022, a Zelena carrega nas letras uma perspectiva feminista que atravessa violência doméstica, opressão de gênero e silenciamento das minorias dentro de um gênero historicamente masculinizado. No som, isso vira peso e revolta.

A Jéssica impõe sua voz com muito peso, potência e identidade. Vale a pena conferir as outras músicas do EP e corre, antes que os mortos se levanten e venham puxar teu pé.



Hotel Cubano - Em Frente

Lançado em 11 de junho de 2021, "Em Frente", da Hotel Cubano, chega até mim cinco anos depois, e não perde nada nisso. Aqui na Dissonância a gente aposta na atemporalidade, e confesso que gosto de revisitar coisa anterior a 2022, quando os lançamentos ainda **não** vinham com aquele efeito de IA que hoje incomoda meus ouvidos.

Dei uma punkeada de leve ao som dela. Sonzera braba, crua, sem firula. A letra fala do peso da rotina e daquela fronteira fina entre viver de verdade e só sobreviver, o cansaço de quem se perde nos próprios pensamentos. Depois do clipe, muita gente ressignificou a faixa e passou a ouvi-la como retrato da luta contra o vício. Virou hino de resiliência, seja qual for a batalha.

Um detalhe: no YouTube a música virou "En.Frente" (escolha da banda, não erro de digitação), no Spotify segue "Em Frente". O clipe tá lá no YouTube, underground de bom gosto, vai conferir. Pena a banda não ter lançado mais nada. Fico no aguardo.



RELEASES



**ESTÁ CHEGANDO A
PLATAFORMA QUE
VAI MUDAR O JEITO
COMO VOCÊ**

DIVULGA SUA MÚSICA



DIVULGUE

para curadores, rádios,
playlists e influenciadores.



ACOMPANHE

resultados e métricas
em tempo real.



CONSTRUA

sua rede e conecte-se
com oportunidades reais.



PROFISSIONALIZE

sua carreira com ferramentas
feitas para artistas.



**SUA MÚSICA MERECE SER OUVIDA.
A Dissona faz acontecer.**



SAUDADE

Uma reflexão de Anderson Schiavi

Saudade!!!

É uma desgraça.

Ela tem gosto, cheiro e dor.

Tem endereço e hora marcada.

Depois das 17 ela vem forte.

Ela vem vestida de dor, com a com púrpura.

Com um gosto amargo na alma.

Tem dias que ela não passa.

Vivo assim.

E assim estou vivo.

Lembrando de quem nem está mais vivo.

Mas ainda assim estou vivo.

Os dias passam a semana empaca.

As horas demoram e o relógio parece que trava.

O que não passa é essa saudade imensa.

Que vem rasgado e nunca costurando.

Fazer o que, né????

A vida é assim, de quem ainda vive.

Uma espera, para que um dia.

A saudade que hoje é uma desgraça.

Se transforme em um abraço apertado.

Que aí sim, poderei dizer: QUE GRAÇA!!!



A close-up photograph of Carine Nunes singing into a microphone. She has her eyes closed and is wearing a light pink, sheer, ruffled dress. Her hair is dark and wavy. She has glittery red eye makeup and small piercings on her upper lip. A large, ornate ring is on her finger. A microphone with a floral arrangement of green leaves and pink flowers is in front of her. Her left hand is raised, showing a black henna-style tattoo of a vine with leaves and sun-like motifs on her wrist and forearm. The background is a solid dark blue.

Carine Nunes e o disco que nasceu de uma foto numa trilha

Por Clara Nunes

Geralmente fazemos entrevistas do jeito tradicional, enviamos perguntas e os artistas nos devolvem suas respostas. Com a Carine Nunes decidimos fazer o caminho inverso: ela nos enviou as respostas e só depois chegamos às questões. Por que desse jeito? Porque o EP, do qual vamos falar hoje, nasceu assim: primeiro veio a capa, depois as músicas.

Estamos falando do EP "Meu Caminho", lançado em 17 de agosto de 2025, sendo o terceiro capítulo de uma carreira que nossa Carine Nunes organiza como se estivesse escrevendo um diário com trilha sonora. Três músicas que, segundo a própria artista, "conversam entre si".





Esse é um caso diferente, porque a capa chegou antes do conceito, o conceito chegou depois para justificar a capa. Não é o processo mais ortodoxo de produção musical, mas tá valendo e é honesto; e, pra mim, isso já coloca Carine na frente de muito artista que inventa conceito depois e finge que veio antes.

As músicas vieram depois, foram chegando entre janeiro e abril. Carine descreve esse processo de uma forma interessante, com a mesma linguagem que usa para descrever as trilhas: **"parece que externo na trilha o que eu preciso mudar e refletir dentro de mim."**

A composição, então, ganhou companhia. Ela tinha duas músicas guardadas de outra época e perguntou aos arranjadores qual repertório eles escolheriam trabalhar. **"Deu certo de a maioria deles escolherem justamente as músicas mais atuais"**, e assim nasceu o recorte final: três faixas, decisão tomada por consenso entre artista e banda.

Só então a foto da trilha e as músicas se encontraram.

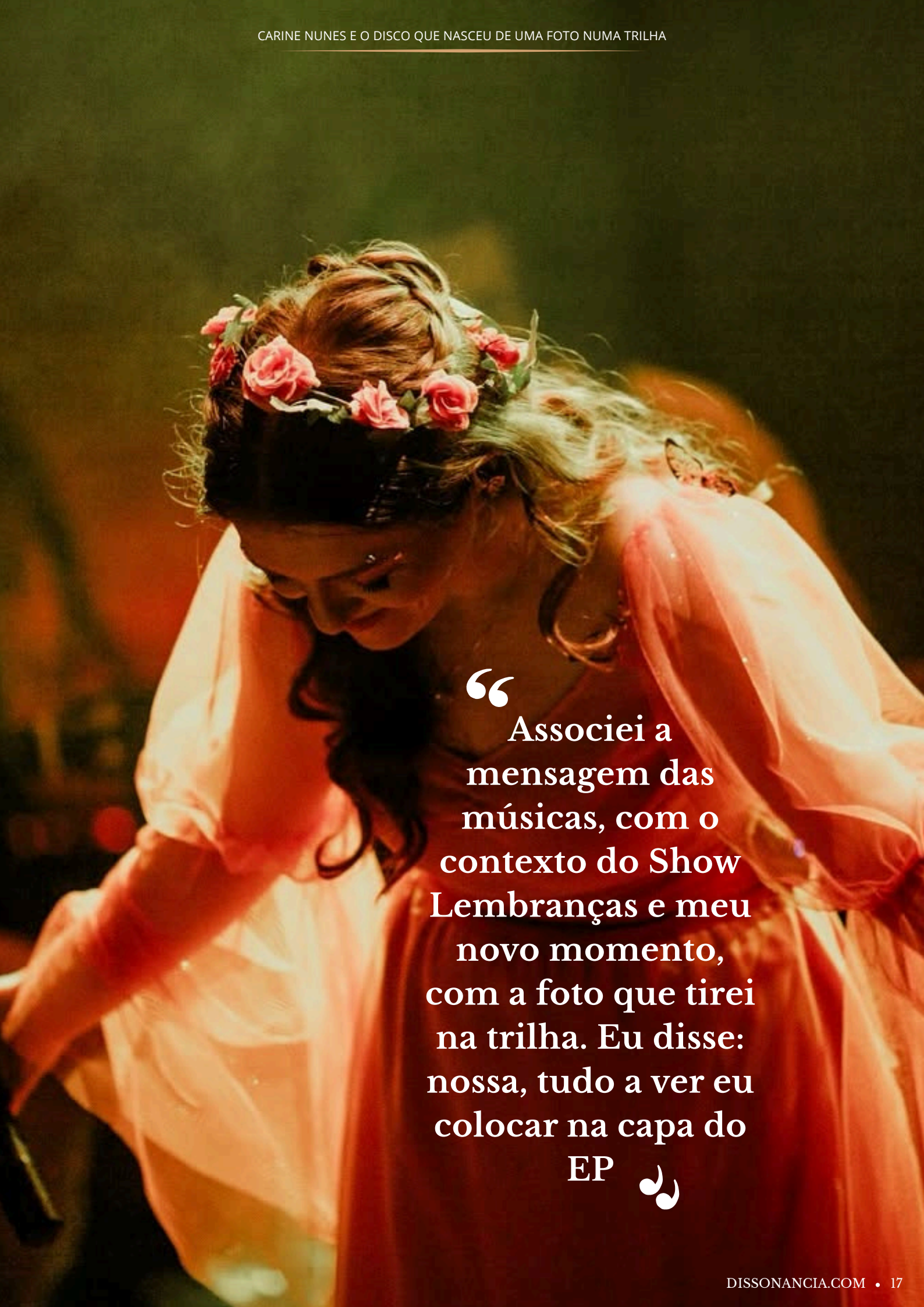
Estamos falando do EP "Meu Caminho", lançado em 17 de agosto de 2025, sendo o terceiro capítulo de uma carreira que nossa Carine Nunes organiza como se estivesse escrevendo um diário com trilha sonora. Três músicas que, segundo a própria artista, **"conversam entre si"**.

A história do disco começa, curiosamente, sem disco nenhum. Em março de 2025, durante uma das trilhas que Carine costuma

fazer (**"tem momentos que eu sinto muita necessidade de fazer trilhas, por uma questão pessoal"**), ela chegou ao topo, pediu para uma colega fotografá-la e, ao ver o resultado, teve uma certeza instantânea: **"Nossa, isso é capa de disco."** O detalhe é que, naquele momento, não havia disco. Só havia uma foto boa demais para ficar sem função. É justamente nessa hora que o chamado do artista acontece, quando ele exerga uma coisa diferente daquela que todos ao seu redor só verão quando estiver feito.

"Tem momentos que eu sinto muita necessidade de fazer trilhas, por uma questão pessoal, parece que caminhando e passando pelos obstáculos, e conseguindo vencer cada desafio e chegar lá, parece que externo na trilha o que eu preciso mudar e refletir dentro de mim."



A woman with long, wavy brown hair is wearing a crown of pink roses. She is dressed in a light pink, long-sleeved, flowing dress. She is looking down and slightly to her left. The background is dark and out of focus, with some warm, orange-toned light sources visible.

“ Associei a
mensagem das
músicas, com o
contexto do Show
Lembranças e meu
novo momento,
com a foto que tirei
na trilha. Eu disse:
nossa, tudo a ver eu
colocar na capa do
EP ”

E veja você que a ordem dos acontecimentos é muito relevante aqui: a imagem existia antes do conceito, e o conceito chegou para justificar a imagem, não o contrário.

O título *Meu Caminho* segue a mesma lógica de autoexplicação que atravessa toda a obra de Carine: **"era a Carine atual, seguindo seus sonhos, seu caminho com o que acredita, formando a sua história, indo em frente, para alcançar seus objetivos, seu propósito na vida das pessoas."** A frase poderia estar tanto na contracapa do EP quanto num quadro decorativo de sala de estar.

As três faixas seguem estados emocionais distintos sem nunca abandonar o fio condutor da fé e da continuidade. "Eu Irei" abre o disco como **"uma música mais motivacional, com uma mensagem de fé e coragem"**. "Pra Sempre Você" é a declaração de amor do EP: **"tentei expressar como eu imaginaria e gostaria de falar pra pessoa amada, de forma poética"**. E "O Meu Caminho é Seguir" fecha tratando de despedida sem se entregar ao luto: **"apesar desse adeus, dessa ausência, tem a mensagem de seguir o próprio caminho."**



A gravação aconteceu no estúdio Arsis, em São Paulo, com produção de Adonias Jr. e um time generoso para um EP de três faixas: Leo Costa e Fábio Cadore nos violões, Pedro Assad no piano, Gabriel Alvico no violoncelo, Sidiel Vieira no baixo, Vitor Cabral na bateria, além do curitibano Hugo Yasha nos arranjos. Já vi artista produzindo disco com mais de dez canções sem ter esse mesmo cuidado instrumental. Carine tratou o EP com a seriedade de um álbum, não um lançamento de transição.



A metáfora do caminhar, que começou na trilha de março, reaparece até na construção dos arranjos. **"A ideia do dedilhado (arpejo) que traz a ideia de passos no caminhar da vida, hora com serenidade, horas com mais pressa, horas mais leve"**, explica Carine. Para ela, compor e caminhar realmente não são duas coisas, são a mesma coisa em registros diferentes (*me deu até vontade de dar uma caminhada hoje, vou me sentar aqui e esperar a vontade passar*).

Os três videoclipes, feitos com a diretora paulistana Thamires Mulatinho, fecharam o pacote do lançamento. **"Conversamos sobre possíveis ideias que eu queria trazer nas imagens do vídeo. Ela sugeriu lugares e recortes a partir da ideia que eu trouxe das músicas"**, relata Carine, mantendo o mesmo método do disco inteiro: ela traz a ideia, alguém de confiança dá forma a ela.

No fim, *Meu Caminho* é o relato de uma trilha que virou foto, que virou capa, que virou conceito, que virou disco, nessa ordem, e essa ordem é o que deixa o trabalho interessante no projeto. Carine não trouxe a pretensão de reinventar nada na música popular brasileira, ela não parece querer isso. Mas com certeza já deixou a marquinha dela no hall das boas composições e para usar um trocadilho de trilhas, a trilha que ela está traçando já a levou ao topo uma vez (*e daí saiu um disco*) e vai leva-la de novo. A Dissonância vai estar aqui para contemplar esse momento, aguardem.

ACESSE O INSTAGRAM
@DISSONANCIABR
E FIQUE POR DENTRO DE TODAS AS
NOVIDADES DA ARTE INDEPENDENTE
NO BRASIL



PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA

CARINE NUNES

Carine Nunes é cantora e compositora de Guarapuava (PR), radicada em Curitiba. Formada em Arte pela Unicentro e bacharel em Música Popular pela Unespar-FAP, começou a cantar aos 7 anos em coro religioso e nunca mais parou. Seu som mistura MPB, pop acústico e gospel, sempre com letras que apontam para frente: fé, esperança e caminho são palavras que voltam em tudo que ela faz, e não por acaso.

Em 2024 lançou o EP Tudo Bem, que reúne suas três primeiras composições ("Tudo Bem", "Olhos Verdes" e "Viver") e revisita o início da carreira. O lançamento ganhou palco no Show Lembranças, apresentado no Teatro Municipal de Guarapuava e no Teatro do Paiol, em Curitiba.

Em agosto de 2025 chegou o EP Meu Caminho, gravado no estúdio Arsis (SP) com produção de Adonias Jr. São três faixas ("Eu Irei", "Pra Sempre Você" e "O Meu Caminho é Seguir") sobre seguir em frente depois de abraçar a própria história. Todas as músicas têm videoclipe no YouTube.



VEJA A PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA DA CARINE NUNES NO PORTAL DISSONÂNCIA
[CLIQUE AQUI](#)

REDES SOCIAIS





Luca Frazão - De Pé Em Pé

"De Pé em Pé" saiu em 9 de junho, faixa do álbum Despencando (ainda em processo de lançamento), com produção de Swami Jr. É um instrumental de violão de 7 cordas, sendo primeiro single de Luca Frazão a ir pro ar.

A música é um instrumental de violão, extremamente bem executado. Os acordes fluem fáceis pelo braço do instrumento. E a melodia nos joga direto pra um ambiente de chorinho autêntico

A música é curtinha, mas certa, tem 1 minuto e 28 segundos, e nesse tempo Luca passa a bola de pé em pé sem tropeçar uma única vez, e a coisa vai num dribble saltitante até uma frase rápida em sextinas que pisca pro hexa. Curtinho o suficiente pra você acenar com a cabeça e concordar sozinho: isso sim é música.

Ouvi e fui atrás do resto. Recomendo o mesmo: passe no canal do Luca no YouTube e veja o cara passear pelo violão ao vivo (gravado, mas ao vivo, vocês entenderam). Tem um grande nome da música instrumental surgindo por aí. Fico de olho.



Luminares - Invisível

Lançado em 17 de junho, "Invisível" apresenta o Luminares, duo de Capivari (SP) formado em 2025 pelo baterista e compositor Marques Galles e pelo vocalista Andy Garcia.

A faixa cruza sintetizadores de recorte oitentista com guitarras distorcidas herdadas do rock dos anos 2000. A bateria preenche os espaços, a voz carrega o refrão, e a letra acompanha um sujeito que inventou um romance inteiro na cabeça e agora tenta apagar as mensagens que nunca enviou e esquecer os discursos que ensaiou.

O ritmo soa familiar para quem cresceu ouvindo NX Zero ou Detonautas, uma volta ao rock brasileiro do começo dos anos 2000. "Invisível" é a primeira de cinco músicas que o Luminares lança em sequência, revelando o projeto por etapas.

Numa postagem no Instagram, a banda se dizia curiosa para saber se a música acharia as pessoas certas ou se passaria batida pelo mundo. Por enquanto, as opiniões dos fãs foram divergentes, o que, na verdade, é um bom sinal. Mas vamos continuar de olho e aguardar o desenrolar dessa saga: a música conseguirá lugar nos ouvidos modernos ou passará despercebida? Aguardemos.



Nenoka - A Morte

"A Morte" saiu em 22 de maio de 2026, mais um capítulo do projeto em que Nenoka transforma as cartas do tarô em canção. A carta é a da morte no tarô, e a letra trabalha o que ela carrega: renascimento, metamorfose, a passagem dolorosa que antecede a virada. Nenoka repete "eu vou plantar um lírio em você" e volta ao par nascer/morrer, um desenho implícito de uma Fênix subindo das cinzas.

A voz da cantora tem muita identidade, ela tem um glissando muito próprio que dá um charme no vocal. A melodia da canção é longa, um pouco mais de 5 minutos, mas não pense que você fica parado só ouvindo, a música te convida a curtir o som num outro estágio mental (se tiver um vinho do lado, o ambiente fica perfeito).

Convido você a ler uma outra matéria que publicamos sobre a Nenoka em edições passadas em que ela narra sua jornada pelas cartas do tarot.

Nenoka é uma cantora excelente e completa, vale a pena conferir e curtir.



Fraaan - Eu Me Perdi

FRAAAN abre o EP "Carta Aberta" com "Eu Me Perdi"

Fraaan lançou "Eu Me Perdi" em 12 de junho, primeira faixa do EP "Carta Aberta". O clipe, com produção da NOHZ Studio, chegou dia 21, com a Fraaan transitando pelas ruas de São Paulo "procurando você" (eu sei, não sou bom em trocadilhos).

A letra trata de um amor que já não se sustenta, do esforço de segurar sozinho uma história pela metade. O verso "Não posso mais te ver distante assim, mesmo junto de mim" resume esse desgaste, a vontade de resgatar algo que escorre pelos dedos.

Registro aqui a minha impressão: a Fraaan tem aquela voz suave que me faria ouvir por muitas horas, inclusive recomendo, dá uma passadinha no Spotify da cantora, as outras músicas são maravilhosas, iguais a ela, é claro.

Fora a carreira de cantora, Fraaan atua há mais de dez anos como DJ. No Instagram da artista você encontra detalhes da sua programação.



Por Jorge Murilo

RELEASES

O VIAJANTE

Um Poema de Val Porto

Quanto tempo já passou.
Talvez seja o tempo de olhar o que viveu.
Quantas pedras foram retiradas?
Talvez duas, talvez dez, quem sabe mil.
Quem saberia?
As feridas nas mãos suadas sabem.

Ainda assim, seguiu em frente,
Talvez por confiança,
Talvez por nem saber que continuava.
Quem saberia?
Talvez a grama verde sob os pés.

A caminhada tem um propósito.
É o que dizem.
Talvez ela traga um novo ensinamento,
Talvez o próximo passo a ser dado.
Talvez.

No céu, o sol arde manso,
Aquece manso o bendito corpo cansado.
O viajante parou,
Sentou-se onde pôde
E só admirou.

A tarde não tardou em se ir,
A noite não demorou a chegar,
E trouxe consigo a brisa da escuridão.
E o viajante?
Ele sempre acha o que contemplar.

Em que momento ele entendeu
Que o mais importante é o caminho?
A forma como se chega, chega a ser
esquecível,
Diante dos passos da caminhada.

Eis o momento certo para se viver o intenso.
Porque, no fim, tudo vem para ensinar.
E amanhã ...
Amanhã é outro dia.

Dia de contemplar.



RAIO-X DO ÁLBUM



INTELIGÊNCIA ARMORIAL

POR FÁBIO DRUMMOND

O disco já começa com um trocadilho no título, é o primeiro aviso. E Sandrera já explicou esse disco umas cinquenta vezes, mas é sempre bom lembrar sua fala: **"Todos os meus discos são conceituais"**, ele avisa logo de cara, em conversa com a Dissonância. **"Um álbum precisa ter começo, meio e fim."** Pronto, disso é tudo de que precisamos para começar esse exame profundo sobre o novo álbum do cantor capixaba: **Inteligência Armorial**.

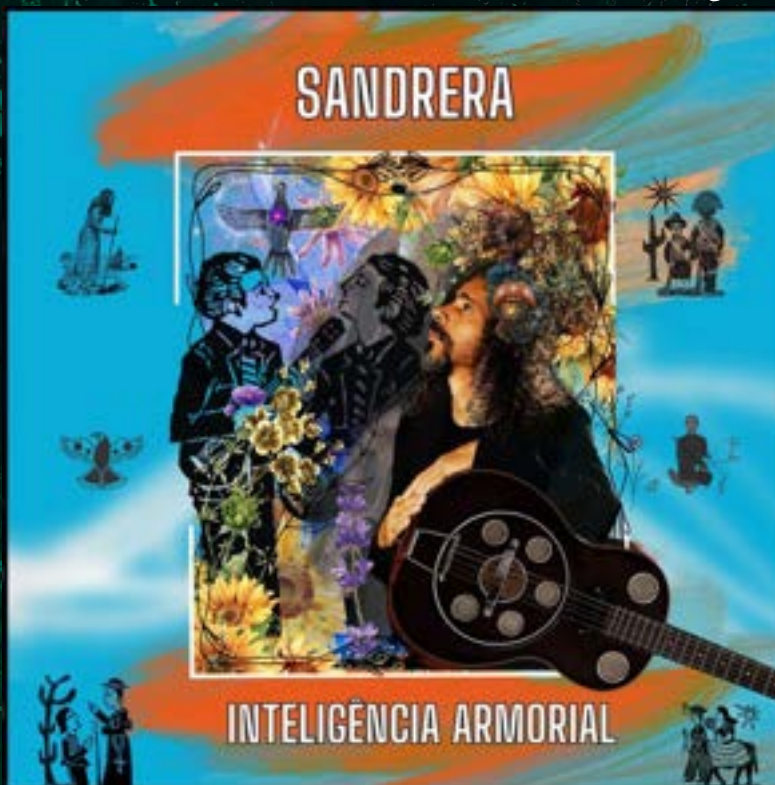
Já aviso de cara, esse foi um dos discos mais complexos que analisei aqui nessa coluna. Não por causa de palavras difíceis, versos invertidos (*tem bastante*), rimas imprevisíveis (*as melhores*), mas porque é uma obra que desafia a lógica dos discos atuais. É narrativo, e ao mesmo tempo reflexivo; conta histórias (*ou seriam estórias?*) no mesmo verso que desafia o ouvinte a tomar uma decisão.

A menção a IA no título responde por Ariano Suassuna; a inteligência artificial entra em cena como um personagem, a figura que anda batendo na porta do seu feed vendendo curtiada. Detalhe que vale registrar: Nesse disco, Sandrera faz mergulho profundo no cangaço, e estamos falando de um capixaba de Vila Velha, com vinte e cinco anos de estrada, isto é, ele sabe do que fala. O Armorial pegou a BR, desceu pro litoral e chegou inteiro. Vamos faixa a faixa.

1. Inteligência Armorial

A faixa-título abre o disco puxando as referências pesadas. "Misturei a força mítica do sertão com Guimarães Rosa e Suassuna", conta Sandrera.

É uma canção sobre dor e cura, sobre gigantes vencidos e a esperança que brota nos olhos. Pra mim é uma celebração da cultura popular como ferramenta de emoção, de luta e de reinvenção do futuro."



Traduzindo: é um refrão que pede a Guimarães um buquê de margaridas e gruda na primeira audição, mais o verso **"Santo algoritmo já nem decide"**, que resume a briga do álbum em cinco palavras. A imagem que fecha a música, **"Vi o futuro no açude, Suassuna, no açude dos meus olhos"**, é das melhores coisas aqui. Começou no lugar certo.



2. Cantador Primogênito



"É o nascimento de um poeta já marcado pelo destino da cantoria", diz Sandrera sobre a segunda faixa. **"Alguém que chega ao mundo com o canto pulsando no peito. Cantar, pra mim, é uma forma de existir e de resistir."** A letra faz exatamente isso, com um piau aparece nadando, uma parteira que diagnostica poesia no berço e a Vó Bidica olhando pro céu (*guardem o nome da senhora, ela reaparece mais de uma vez*). O bom humor do refrão segura a música no chão e impede excessos de pompa. É a certidão de nascimento do 'primogênito cantador', o personagem que canta o disco inteiro.

3. Canudos

Aqui mora o trocadilho mais bem armado do repertório. **"Ôh mainha pra quê conselhos / Se eu tô de boa com o absurdo / Eu já tive um conselheiro / Foi Antônio de Canudos."** Antônio Conselheiro virando conselheiro pessoal do sujeito é o tipo de cenário que eu não esperava, fui pego de surpresa, no meio da música. **"Quis celebrar o absurdo como força de resistência e de utopia"**, explica Sandrera. **"É o direito de sonhar o impossível, um manifesto poético em forma de música."** O pedido pra ser trancado no hospício

"ou faz Brasília se tornar Canudos" fecha a canção rindo, legal para ela não ser tornar séria demais. Sandrera riu primeiro, é claro, e sustentou a utopia da canção em todos os versos. Excelente! Única palavra que tenho para essa reunião de versos.



4. Um Pedido a Lampa

O coração do álbum bate nesta faixa. **"É um encontro imaginário"**, conta o cantor. **"Um sertanejo humilde, sem arma nenhuma, só com fé, pedindo água e farinha ao Lampião pra salvar o filho da fome, e oferecendo em troca a poesia que tem. Eu quis mostrar o Lampião como líder popular, capaz de mudar destinos."** O verso **"Zefinha eu perdi pra fome / Mas Tonho não vou perder"** é duro, um dos mais pesados do disco, cantado sem uma gota de firula. E a rima **"Na sanfona, Luiz Gonzaga / No parabelo, Lampião"** é certa, chega a arrepiar. Quando Sandrera confia no personagem, o disco atinge o topo. Um comentário extra sobre o instrumental dessa música, só tenho uma coisa a dizer: ouçam! Depois a gente conversa.

5. Corisco



Da esperança da faixa anterior pro luto desta. **"É o retrato da queda de Lampião e do fim do cangaço"**, diz Sandrera.

"Reconstruí a emboscada na Grotá do Angico, a traição do João Bezerra, o tiro do soldado Santos. E, no meio disso, a resistência do Corisco, o Diabo Loiro, que se recusa a se entregar mesmo com o líder morto."

A canção guarda fatos históricos e traz fidelidade na narrativa, e pra isso Sandrera estudou o assunto. **"Se entrega corisco / Eu não me entrego não"**, grita Corisco ao som de tiros voando alto. O trecho dos gritos segura a faixa nos ombros. O Diabo Loiro de viola em riste é uma bela imagem de fechamento pro cangaço. Eu resumiria a canção numa palavra: cinematográfica.

6. Tornei Caducar

O deboche assumido do disco. **"Aqui eu misturei humor, crítica social e afirmação artística"**, conta o cantor. **"É uma defesa da cultura e dos artistas independentes, uma celebração da liberdade criativa como resistência de quem insiste em pensar, criar e contestar."** A letra entrega isso com **"Minha caneta não tem medo de IA"**, uma linhagem que se declara **"Patativa cantou lá eu canto cá"** e a promessa de ir ao senado **"com um cachorro invocado / Pra morder cabra safado"**. É engraçada, é afiada, e serve de declaração clara de intenções no meio do disco. Significa que o Sandrera sabe rir de si sem soltar a bandeira, e essa dose de sal cai bem.



PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA

SANDRERA

Sandrera é cantor e compositor capixaba, de Vila Velha, com mais de 25 anos de estrada. Sua obra nasce da "palavra cantada", mistura de folk-rock, literatura e olhar humanista sobre o Brasil. A carreira já cruzou o oceano, com passagens por Noruega e França, onde gravou o clipe de "Aos Olhos de Kalil Gibran". Também assina o romance "Amorança" e o projeto "Poemas Engarrafados".

Em 2025, levou o Prêmio Profissionais da Música (Criação, Sudeste) pelo álbum "Quase Hippie", seu passeio pela contracultura e pelo espírito flower-power.

A discografia guarda ainda "Lugar ao Som", "Anjo", "Prateleira" e o single "Querida Kika", adaptação de uma carta de Raul Seixas.

Em fevereiro de 2025 saiu "Estrada, Vã, Poesia", retrato folk-rock da estrada e da vida, e em maio de 2026 chegou "Inteligência Armorial", onde o cangaço de Suassuna encara o algoritmo de frente.

Poeta que canta, e canta bonito.



VEJA A PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA DE SANDRERA NO PORTAL DISSONÂNCIA

[CLIQUE AQUI](#)

REDES SOCIAIS





Nãos - Segundas

O quarteto de Cambuí, no Sul de Minas, lançou "Segundas" no dia primeiro de julho, e a primeira coisa que me pegou foi o riff. A guitarra de Thiago Di Lorenzo desce pesada e encaixa na bateria de Thanis Ferreira como engrenagem, sem sobra. Ai entra o saxofone de Gabriel Oliveira e muda o clima da sala.

O sopro passeia por cima da distorção com uma liberdade de jazz que dá um tempero raro ao instrumental, enquanto o baixo de Pablo Marques segura tudo no chão.

Gostei da escolha do nome. Uma faixa chamada "Segundas" com esse peso todo faz sentido, a gente sente o arrasto do começo de semana em cada compasso. A banda alterna contemplação e porrada com naturalidade, e isso em música instrumental exige conversa afinada entre os quatro.

O Nãos ainda tem muito riff guardado, dá pra perceber. Eu, pelo menos, vou ficar de olho no que vem por aí.



Anna Lunardi - Sinais

"Sinais", lançado em 18 de dezembro de 2025, é o single mais recente de Anna Lunardi.

É uma música doce de se ouvir; aquele tipo de som que você começa ouvindo sem pretensão e termina fuçando o Instagram procurando pelo nome. E um cuidado em relação a isso, porque no Spotify está Anna Gerber, mas o Inta é Anna Lunardi. Depois que a gente se acha, é um achado. Excelente cantora, excelente compositora. Tá aí uma artista pra ficarmos de olho, porque ela vai voar.

A letra rastreia os indícios do fim de um relacionamento e pede aviso antes do desfecho. O eu lírico recusa o retorno por hábito e a permanência por inércia, e insiste num sinal claro. "Só o tardar diz se foi real" condensa a lógica do texto, que mede o vivido pela demora em terminar.

O arranjo suave contrasta com a dureza do que a letra descreve. A melodia entra leve, e o peso fica todo nas palavras. Após tantos sinais, duvido que você não queira ouvir também, vai lá e confere.



Corra -

"Corra", single da banda paulista CORRA!, chegou em 15 de maio de 2025. O trio (Jaime na voz e guitarra, Diego no baixo e Renan na bateria) vem da cena punk de São Paulo e carrega isso no som: garage rock com peso de grunge, gritos e melodia dividindo o mesmo espaço sem briga.

O que me pegou de cara foram os riffs. Cada música do grupo traz um riff marcante, e em "Corra" isso fica evidente: na segunda audição ele já está grudado, na terceira você volta por vontade própria.

A gente percebe uma musicalidade bem equilibrada, com um pé na cena underground e outro no rock que qualquer ouvido acompanha de boa.

O nome da banda fala de correr em direção ao que importa, e o som segue a mesma lógica: direto, pesado, tocado por mãos que querem chegar a algum lugar e saber com fazer isso. Pra quem curte The Vines e Alice in Chains, vale apertar o play.



Lua Alvez - Palco

Ouvi "Palco", single que Lua Alvez lançou em 24 de abril, e a primeira coisa que me chamou a atenção foi a voz, rouca e suave (aveludada que chama) ao mesmo tempo, coisa difícil de equilibrar.

A letra trata o coração como um "palco de show alimentado com poesia recitada e sentida todo dia", imagem que considero exata para descrever a rotina emocional de quem faz música independente no Brasil.

A canção nasceu de um término e traduz a experiência com elementos da natureza, sem rancor. Gostei da forma como melodia e harmonia caminham juntas: o ostinato contido do início cresce no refrão e o arranjo acompanha essa abertura. A participação de Leandro Léo funciona bem, o timbre dele conversa com o da cantora e cria uma sintonia que a gente percebe já na primeira audição.

São pouco mais de dois minutos e meio que me fizeram relaxar e, confesso, esquecer por um instante os perrengues do coração de artista. Saí da audição querendo repetir. Para mim, "Palco" é uma canção sobre crescer.



Por Jorge Murilo

RELEASES

CLIVA
puxa o cabo da
tomada em
"Virtual Kadaver"



Onze anos. Foi quanto a CLIVA levou entre a formação, em 2015, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, e o lançamento do primeiro álbum completo da carreira. No caminho ficaram dois EPs, cinco videocliques e mais uma troca de pele: o hardcore melódico dos primeiros trabalhos foi engrossando até virar o nu metal com metalcore que a banda pratica hoje. "Virtual Kadaver" chegou em 17 de junho de 2026, trazendo nove faixas e junto delas uma tese que me fez refletir: você provavelmente já morreu e está lendo isso pelo celular.

Eu gosto de escrever matérias biográficas, já fiz algumas aqui para esta ilustre revista. Mas quando me deparei com a banda Cliva, eu não quis saber muito da história de cada membro, porque o álbum me chamou tanta atenção que resolvi falar só sobre ele. Esse texto não vai ser um Raio-X do Álbum (coisa que a Dissonância faz muito bem, por sinal), vai ser minha percepção sobre a banda e como ela foi mudada depois que acabei de ouvir o disco de cabo a rabo.

Mas antes, permita-me a apresentar a banda:

Pablo França: Vocal
Ícaro Rocker: Guitarra
Alex Leal: Contrabaixo
Mateus Silvério: Bateria

Os membros que permaneceram desde a formação em 2015 foram o Pablo França no vocal e o batera, Mateus Silvério. Mas é importante registrar os membros da formação original, porque uma banda se faz no coletivo, e a Cliva chegou onde chegou com a ajuda de todos que passaram por ela.



Da esquerda para direita: Richard Pessoa (baixo), Mateus Silvério (bateria), Pablo França (vocal), Raphael Franco (guitarra) e Bruno Queiroz (guitarra)

Por essa foto dá pra ver o quanto os caras envelheceram, rodaram com step por um bom tempo, digo... evoluíram (*eu sei, não posso zoar com nossos artistas, mas eu não resisto*).

Conversamos virtualmente (ou textualmente nesse caso) com a banda, e o vocalista Pablo França descreveu o disco desse jeito:

"O trabalho mergulha na virtualização da vida, no impacto da tecnologia sobre o comportamento humano e nos riscos de uma sociedade que se torna, a cada dia, menos humana"



Sobre o que esperar das letras: **"Elas buscam provocar uma análise sobre os caminhos que estamos trilhando, como indivíduos e como coletivo"**. Alienação, desigualdade, desumanização, a dificuldade de conexão genuína num cotidiano cada vez mais artificial (*assunto levinho para o churrasco de domingo, já vou botar a cerveja pra gelar*).



Contra-capa de Virtual Kadaver. Título das faixas

O disco abre com "Abominável", faixa instrumental que funciona como sala de espera do pesadelo. Pulsos eletrônicos e interferências digitais se misturam a respirações e ruídos orgânicos, até que um breakdown rasga tudo com guitarras afinadas no mais grave possível, antes que as cordas comecem a bambejar e, lógico, notas soltinhas passeando pela pentatônica. A banda define a ambientação como **"corredores estreitos de uma máquina viva, onde o orgânico e o artificial coexistem em permanente estado de conflito"**. Acho que eles estava procurando a palavra "claustrofóbico". E é elogio.

"Judas" atualiza o famoso poema atribuído ao pastor Martin Niemöller (*aquele do "primeiro levaram os judeus, mas eu não era judeu"*) e mira o personagem mais confortável da história: o sujeito neutro, que assiste de camarote enquanto o vizinho arde. **"O medo que silenciou você é que vai te enforcar no fim"**, avisa a letra. O abutre da primeira estrofe sobrevoa a guerra observando o caos. Você, leitor omissor, seu isentão, foi devidamente citado, fica de olho.

"Simulacro" começa com café e cigarros para dar aquela espertada, e o verso que resume a faixa (*talvez o disco inteiro*) é este: **"Morri para o mundo pra viver conectado"**. A pergunta **"qual pílula vai tomar?"** entrega a referência. E aqui vale um comentário sincero: Matrix completou 27 anos e segue sendo a metáfora preferida de todo mundo que quer discutir realidade simulada, do professor de filosofia ao coach de finanças.

A CLIVA sabe disso e escolhe citar tudo pelo nome, sem firula: a pílula, a porta, os cabos, o coelho branco (*que ganha faixa própria mais adiante, com direito a caverna de Platão no mesmo pacote*). A aposta vem bem a calhar porque a banda trata a referência como vocabulário, é diferente de você tentar fazer isso como se fosse uma sacada fodona, de um gênio de sei-lá-o-quê. Quando o vocal recita **"eu só posso te mostrar os cabos, mas é você que vai puxar e se desplugar"**, em "Siga O Coelho Branco", parece que eu vi o vocalista dar aquela piscadinha marota, mas com cara de cobrança ao mesmo tempo.

A faixa 4 merece parágrafo próprio pela ousadia aritmética: "VOC3_3_SO_M4IS_UM_N4_V17RIN 3_V1R7U4L" tem exatamente um verso. Um. **"Você é só mais um na vitrine virtual"**. O título escrito em código de adolescente do MSN, a frase repetida como uma martelada num cano de metal. Confesso que ri, mas depois fiquei um tanto incomodado; acho que essa deve ser a ordem correta das reações.

A faixa-título expande esse verso em cenário completo: rostos em telas vendendo sonhos, **"a cópia da cópia da cópia"**, a humanidade seguindo firme **"rumo ao seu futuro promissor e ideal, a cada dia menos humana, e mais artificial"**.



O sarcasmo do **"futuro promissor"** está na própria letra, e agradeço à banda por poupar meu trabalho de analista de música, essa é autoexplicativa.

"Ovelha Negra" desloca a mira da tela para o púlpito e encara o fundamentalismo de frente: **"Odiado pelos que pregam o amor, temido por ser simplesmente quem sou"**. O verso final dispensa muita trabalho de interpretação: **"O seu fundamentalismo é hipócrita"**. Anotado. É o que eu tô falando: essa banda vem me surpreendendo a cada música. Esse álbum é todo cheio de pancada na moleira.





"R.I.P Petter Pam" é o momento em que o disco para de apontar o dedo para fora e aponta para dentro (ou *para aquele amigo que todos temos, o de 35 anos que ainda está "se encontrando" e que sempre diz: esse ano vou me organizar*"). A consciência assume o vocal e enquadra o menino que não quis crescer: **"Aqui não é a terra do nunca, bem-vindo à porra da vida adulta"**. Sim, é engraçado. Mas também é o tipo de bronca que, hoje em dia, a gente já não pode mais dar, apesar de muita gente precisar ouvir. Nota mental: preciso enviar esse música pros meus sobrinhos.

O encerramento fica com "Sangue Por Sangue", e aqui o disco larga a mão e abandona qualquer ironia. São mais de 300 anos de opressão postos na mesa, corpos **"comercializados como produtos"**, a memória da tortura nos navios negreiros. **"Cada gota de sangue derramado por meus ancestrais hoje será cobrada"**, diz a letra, e depois vem o arremate: **"Deixem queimar as senzalas!"**. Depois de oito faixas falando sobre a morte digital, a banda nos traz à memória que existe uma fatura anterior, vencida, bem física, e ainda em aberto. Acho que talvez seja a faixa mais pesada do álbum em todos os sentidos que a palavra permite.

"Não há respostas, só perguntas, e a música", resume a banda. Justo. As perguntas estão todas lá, em volume considerável. Ouça no talo, de preferência longe do celular. Sei que é pedir muito.

Termino com uma confissão. Encontrei a CLIVA zapeando pelo Spotify, daquele jeito que a gente gosta ouvindo e apertando o botão de faixa seguinte, eu não estava procurando nada em especial e, de repente, topei com a música "Judas" e alguns segundos depois já tava seguindo a banda.

E foi uma daquelas gratas surpresas: a banda conseguiu me deixar ouvindo até o fim, coisa que não tem acontecido com muita frequência ultimamente, devo confessar.

Banda boa de verdade, chega até ser uma justificativa plausível para a rolagem infinita. Por isso a recomendação é sincera: dê uma surfada virtual pelo "Virtual Kadaver". Pode ir sem medo, o cadáver está vivíssimo.



PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA

CLIVA



A CLIVA nasceu em 2015 na Zona Oeste do Rio de Janeiro e passou uma década construindo repertório, palco e paciência.



Começou no hardcore melódico e foi engrossando o caldo até chegar ao nu metal com metalcore que pratica hoje: riffs graves e pesados, guturais, refrões melódicos e recitações que soam como cobrança.



Antes do álbum vieram dois EPs e cinco videoclipes, o suficiente para firmar o nome na cena independente carioca.



Em 17 de junho de 2026 saiu "Virtual Kadaver", primeiro trabalho completo, com nove faixas sobre alienação digital, fé, racismo e a arte de fingir que está tudo bem enquanto o feed rola.



Ao vivo, a banda é pau na máquina, pesado no início ao fim.

Para o lançamento de Virtual Kadaver, eles nos dizem: "Não há respostas, só perguntas, e a música". As perguntas incomodam. É esse o objetivo.



VEJA A PÁGINA BIO-DISCOGRÁFICA
DA BANDA CLIVA NO PORTAL
DISSONÂNCIA
[CLIQUE AQUI](#)

REDES SOCIAIS





Monara - Improvável Sonhador

"Improvável, Sonhador" abre com uma bateria de timbre oitentista sustentando uma melodia que remete aos anos 2000, combinação que funciona muito bem. Sobre essa base, Monara canta com voz clara, calma e potente, do tipo que preenche a faixa sem esforço.

A canção nasceu como resposta a uma pergunta que fizeram à artista: se ela continuaria dançando depois da maternidade. O refrão responde: **"vou continuar dançando, vou continuar cantando, até que meus cabelos fiquem brancos e eu não vou parar"**. A gente percebe a convicção na entrega desse single.

É o primeiro single do álbum "Superficial", projeto de oito faixas que vai trazer folk, MPB e pop, tudo numa tacada só.

Monara, potiguar, coreógrafa e bailarina, assina também roteiro e figurino do clipe. Para quem quiser saber onde a personagem dessa história vai parar, os próximos singles vão trazer luz sobre a trajetória que essa bailarina. Vale acompanhar para não perder nenhum passo.



Madhu - Névoa

MADHU lançou "Névoa" na sexta, 12 de junho, com clipe no mesmo dia. É a segunda faixa de Monstro, projeto de estreia que ainda rende EP em julho e uma turnê de quatro datas, por São Paulo, Rio, Niterói e Sorocaba.

Minha impressão começa pela voz. A clareza vocal da MADHU me pegou já na primeira escuta. A voz principal e o backing vocal, gravado por ela mesma, dão a medida do controle que ela tem sobre o próprio instrumento. Num single sobre um término e sobre a dor de amar quem já foi embora, essa clareza é relevante, porque cada palavra chega inteira, sem afundar no peso do emo e do nu metal dos anos 2000.

O clipe saiu do Cemitério de Paranapiacaba, filmado em maio, com roteiro dela e de Fernanda Gamarano e edição de Ian Veiga. Pouco orçamento, muito sangue falso e a estética de horror que a MADHU já veste como identidade.

Se "Névoa" te fisgar, volte até março e ouça "Monstro", o primeiro single do EP, igualmente bem produzido e executado. Dá uma corridinha no perfil dela pra entender de onde vem essa artista.



Francisco Neto - Sereno

"Serenó", de Francisco Neto, saiu em 16 de outubro de 2025 e traz uma única faixa instrumental de Lo-Fi em três velocidades: a versão em tempo normal, uma slowed e uma speed up.

Ouvi as três seguidas. A versão normal é a que me pega. O desenho da melodia tem um recolhimento que combina com o nome, e a textura Lo-Fi, com aquele chiado e a batida macia, sustenta bem a ideia de música que se sente sem precisar dizer nada. Nesse ponto Francisco acerta em cheio, música tem clima, e existe sem palavra.

A lógica das três versões me soa mais como estratégia de *streaming* daquele momento do que como necessidade da faixa, a música já tava completa e boa. A versão slowed engrossa a atmosfera, e até que funciona bem. A speed up, para mim, dilui o descanso que é a coisa boa da versão original. São escolhas de Francisco, e as respeito. Fica minha impressão: o "Serenó" que fica comigo é o primeiro.



Herbert Jordan - Deixou Saudades Demais

"Deixou Saudades Demais", novo single de Herbert Jordan, é um samba composto por Rogério Simetria e produzido por Izaias Amorim. A letra trata da ausência de alguém que partiu deste plano e organiza o luto em torno das lembranças dos dias comuns, das cenas miúdas que seguem presentes no cotidiano de quem ficou.

A saudade aparece ligada a coisas concretas, o gesto repetido, o lugar vazio, a rotina que continua sem a outra pessoa. O amor permanece nesse registro, guardado nas memórias, mesmo depois da partida definitiva.

A interpretação de Herbert Jordan deixou o Sambinha impecável, música da melhor qualidade. Afinal 'quem não gosta do samba, bom sujeito não é', já dizia o poeta; e esse veio para ficar e contagiar os amantes do estilo. Eu, é claro, dei minha sambadinha por aqui.

"Deixou Saudades Demais" já está disponível nas plataformas de streaming.



Por Jorge Murilo

RELEASES



Persiste Um Aroma

Um conto de Hélio Silva

Cecília cuidava do amplo jardim de seu sítio. Seus cabelos começavam a ficar brancos, mas suas mãos ainda estavam firmes para este trabalho. Cecília era uma mulher de sorte. A vida tinha sido boa com ela, lhe dera boas condições materiais, boa saúde e um casamento de muito amor... Enquanto a sorte durou. E o jardim era prova deste lado bom da vida. Um testemunho, que Cecília precisava acordar cedo para manter sempre firme e sempre belo. Sempre, de modo que não se quebrasse novamente.

Para isto, contava com a companhia de Dalva, não apenas uma criada, mas um elemento fundamental no florescer do jardim. As duas, agora, pensavam sobre qual seria a melhor posição para o vaso de orquídea que acabara de chegar. Cecília decidiu-se por deixá-lo bem na metade do caminho entre sua casa e o riacho que passava ao fundo do sítio. Descendo a pequena elevação da casa, levaram o vaso para lá junto a um suporte de ferro.

Cecília recuperou-se do movimento, respirou fundo as notas de baunilha que a nova planta lhe entregava, enquanto Dalva ia buscar equipamentos de jardinagem. Estava um dia bonito, com um suave sol de outono por entre as árvores. Uma sensação boa parecia invadi-la, mas não durou. Surgiu um vento estranho e discreto, cortando o ar pela direita e lhe gelando os cabelos. O arrepio de Cecília a fez logo olhar para o lado. Nada.

– Que vento, hein... – comentou com Dalva, que retornava com pazinha e luvas nas mãos.

– Ah, essa brisa? – a outra respondeu, sem sentir nada demais – Nada como essa brisa de outono!

Cecília ainda não conseguia prestar atenção no que Dalva dizia. O vento tinha trazido algo. E ela foi atrás. Seguiu em direção ao veio de água e seus ouvidos indicaram um pio triste e

desolado. Encontrou um pequeno pardal tremendo no chão, sem força, e rapidamente ajoelhou-se para pegá-lo. Chamou por Dalva, que já vinha em sua direção. Envolveu o frágil pássaro com delicadeza, a mesma que tivera anos antes com as almofadas do marido e falou como pensava naquela época:

– Vamos levá-lo para casa! Acho que ele ainda tem chance.

As duas correram para a residência, subindo a elevação. Deixando para trás o vaso de orquídea, oscilando ligeiramente sobre um suporte de ferro, com o vento que se intensificava, sorrateiro.

Cecília teve certa dificuldade no começo, mas com ajuda de Dalva, elas deram um jeito no pequenino. Foram três dias de cuidado, observação, comida e até fizeram uma ligeira limpeza nas asas do animal. Pensaram ser esta última a causa da queda do pardalzinho, mas não encontravam uma explicação satisfatória. Nem precisariam disso, já que o pequenino se recuperava a olhos vistos.

Com o raiar do dia, Cecília já estava a acariciar o pequenino, transferido para uma casinha de madeira na porta, perto do quintal. E o jardim floria como nunca. Cecília voltava a sentir esperança no futuro e chegou a comentar suas impressões com Dalva, enquanto elas tomavam suco e observavam as plantas:

– Finalmente, acho que estou conseguindo fazer algo bom... Deixar algo de útil para o mundo, sabe?

– Ora – a outra se surpreendeu com peso nas palavras ouvidas. Procurou sorrir para melhorar o clima e disse: – Eu fico feliz pela senhora, mas a senhora está muito melancólica. Há muito o que se fazer nesta vida!

O riso de Dalva era otimista como a manhã daquele outono. Acreditavam que, no dia seguinte, o pardalzinho estaria pronto para voltar à natureza. Lembrando-se disso, elas foram lá observar o coitado na pequena

moradia posta perto da porta – em convite ao voo.

Entretanto, encontraram-no de olhos fechados, no fundo, nas sombras. Chamaram por ele. Nada. Logo, estava claro que seu peito se mexia menos e menos, até liberar o último ar pelo bico aberto.

Aquilo nublou completamente o dia de Cecília. Ela pegou o pássaro frio nas mãos e, com ajuda de Dalva, escolheu o local, perto do riacho onde ele fora encontrado, a poucos passos do vaso de orquídeas. Enquanto Dalva buscava a pá, Cecília desatava a chorar. Tentava ser forte como anos antes, mas não era possível. Era como se ela tivesse Antônio novamente em suas mãos. Agora, tão pequeno, mas tão bondoso, tão amoroso, tão frio, tão... ido. Inexplicável.

O vento bateu novamente, enquanto elas faziam o sepultamento do pequenino visitante. Era aquele mesmo vento. E, desta vez, não contente em esfriar a pele de Cecília, ele fez tremer mais aquele suporte de ferro. O vaso de orquídeas bambeou e, não podendo resistir, caiu com um som oco, partindo-se contra a maciez da grama e quebrando, com a dobra, o caule da orquídea.

Ver o vaso ao chão fez Cecília desatar em nova onda de choro. Um choro forte, profundo, escondido por entre segredos que apenas às minhocas é dado conhecer. Um choro que a dobrou de joelhos sobre o gramado. Dalva a consolou, num abraço forte e fraterno.

– Nós trabalhamos tanto... Tanto... Pra isso?! – Cecília se perguntava, entre lágrimas.

– Trabalhamos, sim – Dalva tentava acalmá-la – Mas é claro que não foi para isso...

– Então para quê, Dalva? – a pergunta interrompia a conversa e vinha trêmula, do fundo do âmago.

Dalva abriu a boca, mas não possuía resposta. Olhou para o vaso rachado e para as folhas que se moviam, com o vento. Um movimento vindo do nada. Um vazio em movimento.

Cecília não compreendia. Balançava a cabeça. Ela não era forte como pensava. Nada era tão forte. Mas ainda fazia sol, os pássaros ainda cantavam sobre a copa das árvores. E as flores, tão frágeis, ainda brilhavam como do outro dia.

Cecília não era tão forte. Mas, com Dalva, conseguiu se levantar. Foi para casa, tomou um bom banho. Deixou as últimas lágrimas escorrerem. E sentiu, entrando pela janela, um persistente e leve aroma de baunilha.

Artistas Independentes Destacados na Revista Dissonância

Se você acha que o mundo da arte independente é um mar de mesmice, prepare-se para ser surpreendido. A Revista Dissonância chegou para ir além do óbvio. Ela mergulha fundo, cutuca, provoca e, claro, destaca artistas que fogem daquele padrãozinho mamão com açúcar, gente meio lesada da cabeça que desafia o senso comum e que deixa a arte mais cintilante, mais maluca, mais imprevisível e, é claro, melhor. Vamos falar sobre esses artistas independentes destacados que estão dando o que falar e, de quebra, entender por que a revista se tornou o epicentro da cena artística digital no Brasil.

O que faz um artista independente ser destaque?

Antes de sair distribuindo medalhas, é bom entender o que realmente faz um artista independente ser destaque. Não basta ter talento (que, convenhamos, é o mínimo). É preciso ter coragem para se expor, para errar, para reinventar. E, claro, uma pitada de sorte nunca faz mal.

- Originalidade: Nada de copiar o que já está na moda. O artista precisa criar algo que faça o público pensar "Uau, nunca vi isso antes".
- Consistência: Não adianta um trabalho incrível e depois sumir. A consistência e a constância na produção é o que mantém o interesse.
- Engajamento: Hoje, mais do que nunca, saber se comunicar com o público é essencial. Redes sociais são palco e plateia.
- Atitude: O artista independente é, antes de tudo, um empreendedor da própria arte. Ele sabe que ninguém vai fazer o trabalho por ele.

Artistas independentes destacados: quem são eles?

A lista é extensa, mas vamos focar em alguns nomes que têm chamado atenção pela ousadia e pela capacidade de reinventar a arte. Eles não estão atrás de fama fácil, mas de um reconhecimento verdadeiro, aquele que vem do público que entende e valoriza a arte como expressão e não como mercadoria.

TheLira - Da Parnaíba para o Mundo Dissonante

De Parnaíba para o Mundo. TheLira sempre chama a atenção por onde passa, e com suas letras acontece a mesma coisa, elas nos convidam a parar, ouvir e curtir. Não à toa que a Dissonância trouxe o artista para São Paulo (com todas as despesas pagas, é claro), para gravar seu novo trabalho. O disco está em fase de produção e promete ser uma obra intensa e, como tudo por aqui, diferente. Aguardem!



Vivi Zanrosso - A Voz Internacional

Vivi se tornou uma brasileira bastante reconhecida internacionalmente. Suas músicas cantadas em Inglês vêm deixando o público absorto. Suas letras nos mostram o poder de uma mulher que decidiu buscar seus sonhos e, sobretudo, realizá-los (ela é dura na queda, não vai parar até conquistar todos, acreditem). Recentemente ela nos apresentou diversas novidades, a banda The Trickz, uma música em português e uma série de shows pelo Sul do Brasil que têm movimentado a



cena independente por lá. Fiquem de olho, a cantora e nossa querida apresentadora vai continuar desbravando esse mundão de Deus e levando sua arte independente à lugares ainda não explorados. E, novamente, aguardem!

Sérgio Lourenço - Artes Plásticas e Interatividade



Tá pensando que a Dissonância só fala de música, não! Aqui arte é tudo que nos move. O artista plástico Sérgio Lourenço é nosso destaque em termo de arte abstrata e inovações sensoriais. Ele implantou seu método de "Arte Interativa" e levou o cliente ao atelier e, de lá, sai uma arte feita a duas mãos, dois cérebros e duas visões que se encaixam numa arte única. É incrível.

Francine Cruz - O Dom da Escrita



Arte sem leitura não existe, mesmo a dança, a escultura ou qualquer outra forma, precisa da letra, da palavra, da frase. A Francine é nossa escritora destaque na Revista Dissonância. Autora de dez livros e vencedora de prêmios literários, ela carrega uma missão: aproximar pessoas da leitura e fazer da palavra um instrumento de transformação social.



Por que a Revista Dissonância é o palco ideal?

Se você pensa que qualquer revista serve para mostrar arte independente, está muito enganado. A Revista Dissonância é diferente. Ela não quer ser apenas mais uma publicação digital, quer ser a voz mais influente do Brasil para artistas que não se encaixam no molde tradicional.

- **Liberdade editorial:** Aqui, o artista não precisa se enquadrar em padrões comerciais ou estéticos. Pode ser quem ele quiser.
- **Diversidade:** A revista abraça todas as formas de arte, do grafite à poesia, da escultura à performance.
- **Interatividade:** Os leitores não são meros espectadores, mas participantes ativos, com espaço para comentários, debates e até colaborações.
- **Visibilidade real:** A revista investe em divulgação e parcerias para que o trabalho dos artistas chegue a quem realmente importa.

Se você ainda não conhece, vale a pena dar uma espiada nas [edições anteriores](#). É um universo à parte, onde a arte independente respira e cresce.

Como artistas independentes podem aproveitar essa visibilidade?

Não basta aparecer, tem que saber aproveitar. A visibilidade que a revista oferece pode ser o trampolim para uma carreira sólida, mas isso depende do próprio artista. Aqui vão algumas dicas práticas:

1. **Prepare um portfólio online:** Fotos de qualidade, descrições claras e links para redes sociais.
2. **Conte sua história:** As pessoas se conectam com narrativas, não só com imagens.
3. **Seja ativo nas redes sociais:** Compartilhe o processo criativo, interaja com seguidores, participe de grupos.
4. **Aproveite as oportunidades da revista:** Participe dos posts, reels e colaborações promovidas pela Dissonância.
5. **Mantenha-se fiel ao seu estilo:** Não tente agradar a todos. A autenticidade é o que vai te diferenciar.

Um convite para quem quer ser destaque

Se você é um artista independente, sabe que o caminho não é fácil. Mas também sabe que a arte tem o poder de transformar vidas - inclusive a sua. A dica é clara: não espere que alguém venha te salvar. Seja protagonista da sua história.

E, claro, fique de olho na Revista Dissonância. Ela pode ser o palco que você precisava para mostrar ao mundo o seu talento, sua ousadia e sua visão única. Envie seu material para nossos curadores, vamos olhar com carinho e atenção sua obra.

Porque, no fim das contas, ser destaque envolve fazer barulho, causar impacto e deixar uma marca que ninguém vai esquecer. E isso, meus amigos, a Revista Dissonância sabe fazer como ninguém.

ESTAR NA DISSONÂNCIA NÃO É SORTE É CONSEQUÊNCIA

A próxima capa pode ser a sua

